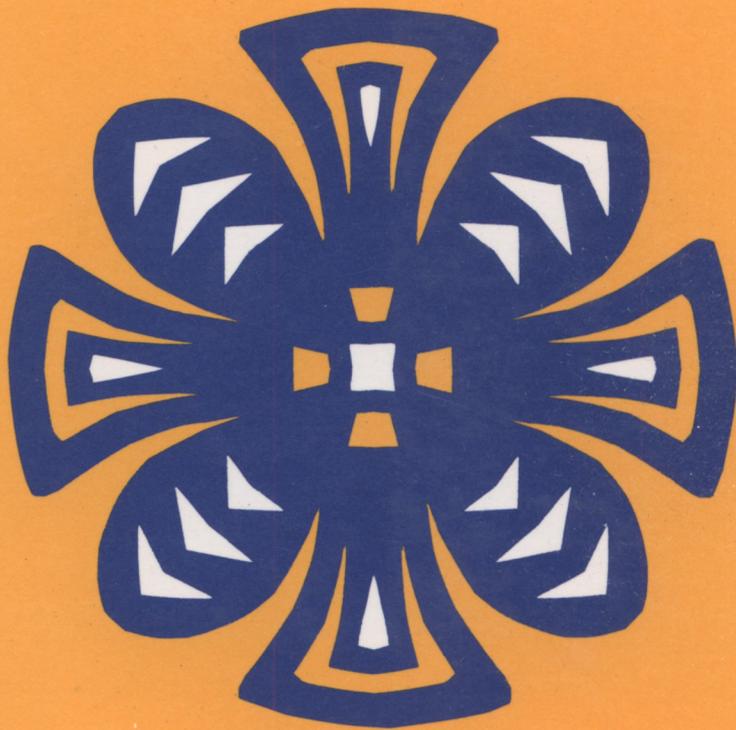


Порт /п

T-995

TYTCHYNA



DOURADO
COO

PAWLÓ TYTCHYNA

DOURADO ECO

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
RIO DE JANEIRO
1992

Tradução do Ucrainiano e prefácio: Wira Selanski

Revisão: Celso Nathan Guaraná de Barros

Série VERTÉP:

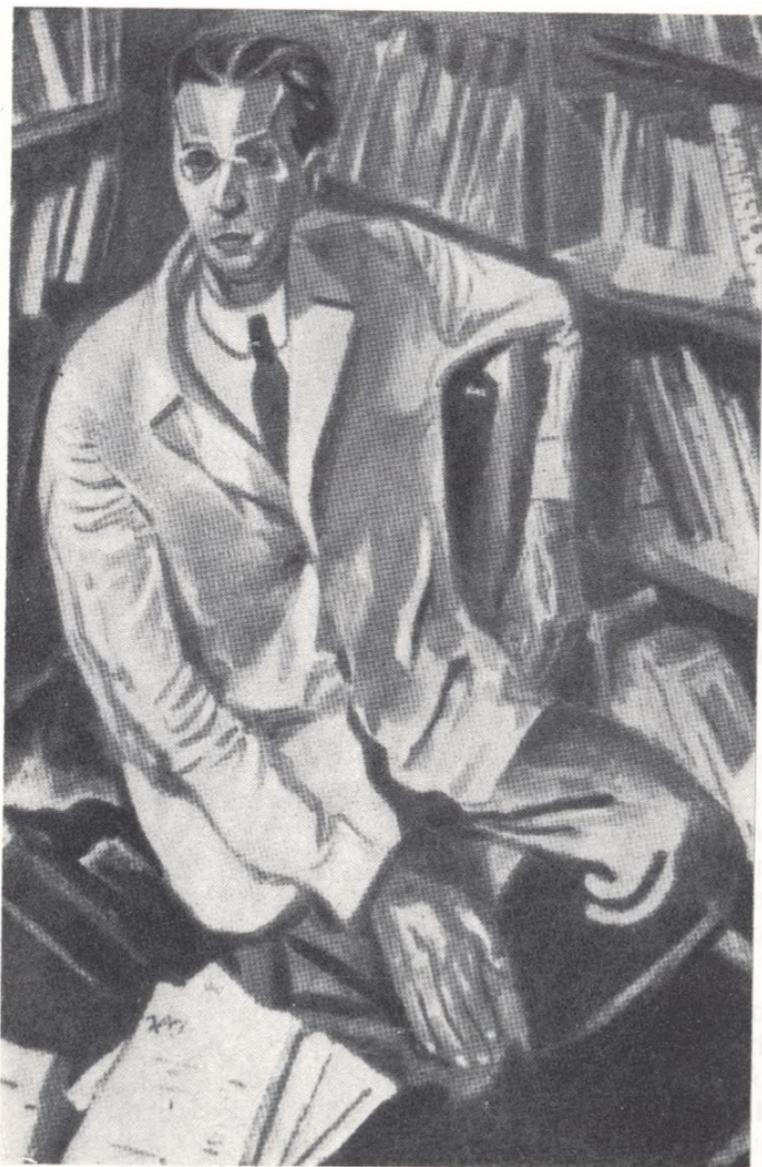
1. Ghryghory Skovorodá: FÁBULAS (1978)
2. Tarás Chewtchenko: O SONHO (1980)
3. Iván Frankó: MOISÉS (1981)
4. Vassyl Stefanyk: CRUZ-DE-PEDRA (1982)
5. Léssia Ukrainka: DON JUAN (1983)
6. CONTOS POPULARES UCRANIANOS (1983)
7. Mykhailo Kotsiubynsky: SOMBRAS DOS ANCESTRAIS ESQUECIDOS (1985)
8. Marko Vowtchók: MARÚSSIA (1988)
9. CANCELONEIRO DE NATAL (1988)
10. CÂNTICOS DA PRIMAVERA (1989)
11. Boghdán Ighor Antonytch: JARRA ESLAVA (1989)
12. Pawló Tytchyna: DOURADO ECO (1992)

Série PYSSANKA:

1. Vassyl Gholoborodhko: DIA VERDE (1991)

Capã: WW

© Wira Selanski



A. Petrytsky: Pawłó Tytchyna

DIMENSÃO: RITMO-LUZ

Os críticos literários, que consideram Paul Verlaine o mais musical dentre os poetas europeus, decerto desconhecem o “príncipe da poesia ucraniana” — *Pawló Tytchyna* — um talento raro, que reúne na sua arte poética tanto o imagismo rico de metáforas ousadas, quanto a melodia e o lirismo comovido de quem está haurindo da cultura milenar de seu povo, de maneira quase inconsciente. Muitas de suas passagens não podem ser traduzidas, ao pé da letra, para outras línguas: elas são compreensíveis somente dentro da semântica da língua ucraniana — um idioma muito rico em variantes e matizes de vocábulo, capaz de transmitir, poeticamente, o que nenhuma definição lógica pode fazer.

Pawló Tytchyna nasceu em 1891, na aldeia de Pisky (na região de Tchernyghiw), na família de um sacristão. Estudou no seminário de Tchernyghiw, onde lia com entusiasmo a Escritura Sagrada, estudava música e cantava no coro, tendo um excelente ouvido e uma voz muito bela. Continuou os estudos no Instituto de Comércio, em Kiev, dedicando-se, ainda, a outros trabalhos.

Do tempo de Tchernyghiw data sua amizade com o escritor impressionista *Mykhailo Kotsiubynsky*, cultivada até a morte do mesmo, e com o poeta *Vassyl Blakytny-Ellan*, um patriota ucraniano de idéias internacionalistas, que se tornou, mais tarde, uma figura de destaque da Ucrânia comunista dos anos 1919-1925. Em Kiev, Tytchyna vivenciou a Revolução Ucraniana e treze sangrentas mudanças de regime. Embora acreditando no messianismo humanitário comunista, nos seus primeiros anos de existência, que no governo de *Mykola Skrypnyk* produziu

um rápido florescimento cultural, o poeta não pôde ignorar os efeitos nefastos deste regime, os quais conduziram muitos idealistas desiludidos, entre eles o próprio Skrypnyk, ao suicídio. De alma sensível, adepto da filosofia de Skovorodá, o “filósofo de coração” do século XVIII, que via a Natureza espiritualizada e entendia a morte não como fim e sim como parte integrante da vida, Tytchyna acreditava na Revolução como renascimento da cultura nacional.

Em 1923, mudou-se para Kharkiw, então a capital da Ucrânia, participando, ativamente, dos trabalhos nas associações dos escritores proletários *Ghart* (Tempero) e *VAPLITE* (Livre Academia de Literatura Proletária), tornando-se redator da parte de poesia, na revista *Tchervony Chlakh* (Estrada Vermelha).

Embora atacado no tempo da perseguição aos intelectuais ucranianos, pelo governo central, nos anos vinte, conseguiu sobreviver, por ser conhecido, nessa altura, também no exterior. Dedicou-se ao intensivo estudo de idiomas e literaturas orientais: o Armênio, Georgiano, Turco, Árabe, Hebraico, Turcomano e outros, de que fazia muitas traduções. Era um excelente conhecedor da poesia normativa, mas manejava, ao mesmo tempo, com grande maestria, o verso livre, combinando freqüentemente seu lirismo com o sopro épico, próprio às baladas ucranianas.

Suas atividades intelectuais o conduziram aos mais altos cargos funcionais da URSS: foi diretor do Instituto de Literatura e ministro da Educação (1943-1948), mas a sobrevivência aos anos de terror significou, também, a progressiva morte de sua poesia, degradando-se, aos poucos, em prosaísmos e retórica.

Morreu em 1967, em Kiev.

O livro genial de Tytchyna é o seu primeiro: *Clarinetas do Sol*, de 1918. Era uma manifestação literária gloriosa, uma confissão ardente ao panteísmo ensolarado, de imagística inteiramente original, de neologismos inventivos e de cadência rítmica-melodiosa, com condensação do pensamento ao significado simbólico. Dominando com todos os requintes o verso livre, o poeta aproveita elementos de herança nacional do canto e conto folclóricos

ucranianos, transmitindo neles suas visões de floração e amadurecimento. A crítica destacou a “quarta dimensão” da sua poesia: ritmo-luz.

Procurando sempre harmonia cósmica, o poeta sofria por sua ausência na vida real. Era uma pessoa benevolente e gentil, que até a morte conservava sua juvenil paixão por tudo o que é belo: flores, Natureza e Arte, mas que era marcada pelo constante medo. Suas obras posteriores estão cheias de inquietação e transmitem quadros de fome, angústia e morte, vivenciadas por ele. Entre numerosas coletâneas de poesia destacam-se da primeira fase: *Plugh* (Arado), *Zamist’ sonetiiv i oktaw* (Em vez de sonetos e oitavas), ambas do ano de 1920 e *Viter z Ukraïny* (O vento da Ucrânia), de 1924.

Principalmente em seu livro *Clarinetas do Sol*, Tytchyna se revela mestre-artesão de versos irregulares, que combinam metros diferentes em cadência específica, repetida, rigorosamente, em todas as estrofes. Por exemplo, a primeira poesia desta coletânea faz uma combinação de pés dactílicos com os anapésticos, resultando no seguinte padrão estrófico:

—◡◡/—◡◡
◡◡—/◡◡—◡◡—/◡◡—/◡◡—/—
◡◡—/◡◡—
—◡◡/—◡◡|◡◡—/ — —

Esta estrutura rítmica torna uma tradução quase impossível. Além de tudo, Tytchyna usa rimas internas em grupos, intercala seqüência lógica por passagens intermediárias, que desviam a atenção do ouvinte ou leitor, para, em seguida, retomar o primeiro tema, enriquecido por uma modulação.

Para fazer jus a sua imagística, transcrevemos aqui, em prosa, a primeira poesia desta coletânea que, na tentativa de acerto de ritmo, sofreu várias alterações:

Com arpas, com arpas —
douradas, responderam os bosques em voz alta,
Que soam por si mesmas.

Vem primavera
Dourada
Enfeitadas as tranças
Com flores-pérolas.

Com canções, com canções —
como mar com navios, encheu-se o azul
De sons suaves:

Haverá luta
Fogosa!
Haverá riso, haverá pranto
Madre-pérola . . .

Hei de parar, hei de olhar —
por toda a parte ribeirinhos qual sininhos,
a cotovia como dourada
Com cascatas:

Vem primavera
Dourada
Enfeitadas as tranças
Com flores-pérolas.

Amada, querida —
andas triste, ou cheia de felicidade até a borda
Lá além dos prados?

Abre
A espiga dos cílios!
Haverá riso, haverá pranto
Madre-pérola . . .

CÍTARAS, CÍTARAS . . .

Cítaras, cítaras —
encantadas, prateadas ressoaram em jardins,
Autofônicas:

Primavera
Já vem,
Pétalas-pérolas
Por adorno tem.

Cânticos, cânticos, —
como em alto-mar veleiros, acumulam-se no azul,
Meigotônicos . . .

Vem peleja,
Ardor!
Riso vem, pranto vem
Madre-pérola . . .

Paro, detenho-me —
ribeirinhos qual sininhos, cotovia como d'ouro
Com seu júbilo:

Primavera
Já vem,
Pétalas-pérolas
Por adorno tem.

Minha delícia —
andas triste ou repleta de ventura, ao tecer
Sonho rútilo?

Abre espiga
Do olhar!
Riso vem, pranto vem
Madre-pérola . . .

Clarinetas do Sol

OS BOSQUES CANTAM

Os bosques cantam —
Eu escuto.
As nuvens correm —
Eu as miro.
Deliciado, eu me admiro
De que minha alma esteja
tão alegre.

O sino soa —
Bem de longe.
Tece pensares
Sobre os prados.
Sobre os prados ondulados,
Banhando-me igual
a andorinha.

Eu ando, ando —
Comovido.
Cantando sigo —
Esperançoso.
Esperançoso e amoroso,
Ao murmurar das ervas
acariciante.

O bosque sonha —
Sobre o rio.
Do céu, a beira —
Como ouro.
Igual a ouro e prataria
Tremula e arde o rio
qual música.

Clarinetas do Sol

OLHOU-ME COM BRILHO ...

Olhou-me com brilho, — cantaram violas,
O último abraço, — na alma com pesar.
A mata calava num acorde negro,
Cantaram violas na alma com pesar.

Era para sempre; cílios como raios! —
Nunca mais verei os olhos cor-do-sol.
Sempre solitário, num acorde negro.
Raios como cílios, olhos cor-do-sol.

Clarinetas do Sol

CHOREI AMARGO MEU AMOR...

Chorei amargo meu amor —
(As nuvens — cinza muro!)
E o pranto transformou a dor —
(Em marmorário muro...)

Em cima — preces a nadar.
(Retornem riso-sino!)
As folhas caem em altar —
(Com ondulado sino...)

A neve deita seus lençóis —
(As nuvens cinza muro!)
Vencidos inimigos dois —
(Por marmorário muro...)

Agora amantes sós estão —
(Manhã! Sol! Cerejeira!)
Tua alma perde a floração —
(Precoce cerejeira...)

Clarinetas do Sol

NO DECLIVE

No declive ouço —
Sinos sobre o rio ...
Tua vela aguardo —
Sombra imerge longe algures ...

Vêm nadando nuvens —
Cresce espiga-mágoa:
Nuvens coram ondas —
Triste estou, sonho risonho ...

Creio confiante —
Sinos sobre o rio:
Sonho cassiopéico —
Sombra imerge longe algures ...

Chegarás nas ondas —
Cresce espiga-mágoa:
Com canção radiante! —
Triste estou, sonho risonho ...

Clarinetas do Sol

LÁ NOS CAMPOS

Lá nos campos, os freixos libertos
(Sacrifício no ocaso se fez)
Com o vento feroz, libertino,
Para longe dispararam também.

Qual papoula, desfolha-se o dia,
(Ansioso no espaço eu vou)
Na minha alma — procelas e raios,
De banduras soluços e dor.

Os centeios ao vento se curvam
(Negra sombra encobre meu sol)
Entoando tão tristes cantigas —
Só a perdiz bate o sino sem fim.

Desvairado e ardente meu canto
(Rola a ira inflamada no céu)
Em radiantes acordes te parte,
Chora e cala-te, como trovão.

Clarinetas do Sol



A MOÇA BORDA

A moça borda a chorar —
Que estranha lida!
Com negro e rubro vem ornar
A minha vida.

No campanário bailam sons
E chora o sino!
Dálias e cardos são os dons
De meu destino.

Neblinas tornam a subir —
Cortina ascensa.
Por que os espaços vêm ferir
Esta tristeza?

Eu beijo a rosa a fenecer
E chamo o pranto.
Por que não posso só viver,
Sem o meu canto?

Clarinetas do Sol

NEBLINA

Sobre o pântano fiam o leite...
A pensar está o corvo negro.
A cismar está o corvo cinza.
Bicou olhos. Deus sabe de quem.

Com espadas do Leste vem ira!
Atirou-se o corvo negro.
Arrojou-se o corvo cinza.
Bicou olhos. Deus sabe de quem.

Clarinetas do Sol

VENTO

Ave — rio — verde prado —
Girassol ritmado.
Tine o dia, ri e avança,
Gasta-se na dança!

Leva mel à várzea morna,
Cálices entorna.
Tine o dia, ri e avança,
Gasta-se na dança!

Clarinetas do Sol

PASTÉIS

I

Correu a lebre,
Olhou:
Madrugada!
Está sentada, brinca,
Abre os olhos das margaridas.
E no Leste o céu emana perfumes,
Galos bordam o manto negro da noite
Com fios de fogo
— Sol —
Passou a lebre.

Bebeu bom vinho
O dia férreo.
Florescei, prados! —
: eu chego — o dia —
Pastai, rebanhos!
: para meu bem — o dia —
Acalentai, espigas!
: de dia.
Bebeu bom vinho
O dia férreo.



Balançavam-se flautas
Onde se pôs o sol.
Nas pontas dos pés
Chegou a tarde,
Acendeu as estrelas,
Estendeu neblinas na relva
E colocou o dedo nos lábios, —
Deitou-se.
Balançavam-se flautas
Onde se pôs o sol.

IV

Cobri-me, cobri-me:
Sou noite velha,
Estou doente.
De sono é repleto
Meu caminho preto.
Deitai aqui menta,
E que o choupo sussurre.
Cobri-me, cobri-me:
Sou noite velha,
Estou doente.

Clarinetas do Sol

NAS ÁRDUAS ROCHAS

No mar poderoso
No azul reluzente
Entre águias, nuvens
Hê
Lá
Temporais florescem,
Temporais florescem . . .

Para os céus, dos vales
Os braços se estendem:
Emprestai, procelas,
A chuva anilada!
Eis
Que
O sangue goteja!
O sangue goteja . . .

Em prados, nas relvas
Verde-prateadas —
Centeios dourados
De espigas esbeltas.
Hê!
Lá
Sussurros sussurram!
Sussurros sussurram . . .

Alguém madrugando
Ajoelhadamente:
Terra, dá bramidos,
Bramidos — loucuras!
Mor
Dor.
A morte sussurra!
Com foice sussurra . . .

Clarinetas do Sol

ABRI VOSSA PORTA ...

Abri vossa porta —
A noiva já vem!
Abri vossa porta —
Anilado azul!
Corações, corais: risonho
 Sonho,
 Sol ...

Abriram a porta —
Noite sem luar.
Abriram a porta —
Sangue ao redor!
Mar-pesar, lamento,
 Vento
 Dor ...

Clarinetas do Sol

SOBRE A ESTEPE AZUL

Sobre a estepe azul
O vento negrão!
Abraçou-me e partiu —
O vento negrão ...

Fui cortar a cevada.
A nuvem trovejante!
Ai, nem todos voltam da guerra —
O vento negrão ...

O sol olha como criança,
E na aldeia — fome!
Andam mães como sombras —
O vento negrão ...

No estrangeiro bem longe,
Sem cruz — só o corvo ...
Amaldiçôo-vos pela guerra! —
O vento negrão ...

Clarinetas do Sol



MÃE DOLOROSA

I

Andava pelo campo
Por sulcos e veredas,
A dor feriu o peito
Com rútilas espadas.

Olhou — sereno tudo,
Um morto nas espigas,
Os talos sonolentos:
— Alegra-te, Maria!

Os talos sonolentos:
— Não vás, não vás embora.
Parou a Mãe de Deus,
Orvalho, quando chora.

Nem luas, nem estrelas,
E nem raiar do dia.
O coração humano
Ao fundo empobrecia.

Andava pelo campo,
O verde florescia.
Discípulos de Cristo:
— Alegra-te, Maria!

Alegra-te, Maria,
Buscamos nosso mestre.
Ensina: qual caminho
Mais curto que nos leve?

Ergueu as mãos Maria,
Sem sangue, como lírios:
— Não ide à Galiléia,
Nem à Judéia, filhos.

Para a Ucrânia ide:
Entrai em cada casa,
Vereis a sombra dele
Na cruz crucificada.

Andava pelo campo,
 Os campos em ruína,
 E o vento lhe anuncia:
 — Ressuscitou à Vida! —

— Ressuscitou? Não vejo,
 Não ouço, não sei nada.
 Que paraíso é este
 Na terra ensangüentada?

— Ressuscitou teu Filho!
 Nós, flores de massacre,
 Nascemos aos milagres
 Do derramado sangue! —

As vilas, longe, calam,
 Os campos em ruína,
 Só flores ao cochilo:
 — Proteja-nos, Maria!

IV

Andava pelo campo:
— Que terra tão sofrida,
E regalou meu Filho
Com uma nova vida!

Olhou — sereno tudo,
Selvagem a cevada.
— Por que delito foste
À morte condenada?

Não suportou a mágoa,
Não suportou a pena,
Em cruz abrindo os braços
Caiu sobre a vereda.

Acima, as espiguinhas
— Alegra-te! — zumbiam.
Os anjos nas alturas
Não viam, não ouviam.

Clarinetas do Sol

O DOMINGO DE PENTECOSTES

Dos palácios dourados
Saiu o Domingo de Pentecostes.
Silencioso. Triste.
Nada passa voando, cantando . . .
— Envia, ó Deus, um pássaro ao mundo!
Mesmo sem canto, que só grite!

E Deus mandou o cuco.
— eternamente
beba a música,
o sofrimento,
tu, afogado ocasional
deste século.

Triste.

Domingo de Pentecostes.

Clarinetas do Sol



GUERRA

I

Deito-me para dormir.
Três anjos na cabeceira estão.

O primeiro anjo tudo enxerga.
O segundo anjo tudo ouve.
O terceiro anjo tudo sabe.

E veio-me no sonho
O filho.

Ele sozinho contra o inimigo investe,
Aquele o cerca, direito no peito fere,
O primeiro anjo lágrimas verte.

Parece um campo verde, plano.
— Vai, filho! — Adeus, mãe! — Ouve-se o canto.
Levanta-me a cruz o segundo anjo.

E o vento: — Não te entristeças! Não conhece morte
Quem pela Ucrânia morre! —
(O terceiro anjo alegra as flores.)

E veio-me no sonho
O filho.

À direita — o sol.
À esquerda — a lua.
Em frente — a estrela.

— Abençôo-te, filho, contra o inimigo! —
E ele: — Mãe querida!
Não há, — diz, — inimigo
E não haverá.
Só temos um inimigo —
O coração.

Abençoa-me, mãe, a procurar ervas,
A procurar a cura para a nossa loucura. —

Levantei para a cruz a mão —
Junto a mim — ninguém mais presente,
Só do corvo o grito vão ...

À direita — o sol.
À esquerda — a lua.
Em frente — a estrela.

Clarinetas do Sol

* * *

Na névoa o dia madruga . . .
No céu deitou-se uma ruga.
— Que grande pesar!

O arado da luz as nuvens ara:
Ouço — fanfarras!
— Que grande pesar . . .

Não são fanfarras, são clarins, canhonada.
Dorme, não despertes, mãe amada! . . .

Maldição a todas as feras humanas!
(Em vez de sonetos e oitavas.)

Em Vez de Sonetos e Oitavas

TERROR

De novo tomamos o Evangelho, os filósofos, os poetas. O homem que dizia: é pecado matar! — jaz pela manhã com a cabeça trespassada de bala. E os cães no monturo brigam por seu cadáver.

Fica deitada, não acorda, minha mãe!

A grande idéia precisa de grandes sacrifícios.
Mas é sacrifício quando uma fera devora a outra?

— não acorda, mãe . . .

Cruel esteticismo! — e quando deixarás de deliciar-te com uma garganta cortada? —

Uma fera devora a outra.

ANTÍSTROFE

Aeroplanos e toda a perfeição técnica — para que tudo isso, quando uma pessoa não olha nos olhos da outra?

Não guardai os malvados nas prisões: eles próprios são prisão de si mesmos.

Universidades, museus, bibliotecas não darão
o que podem dar
os castanhos,
os cinzentos,
os azuis . . .

Em Vez de Sonetos e Oitavas



FORÇA SUPREMA

— Levanta-te para o fuzilamento! —
gritou alguém golpeando a porta.

Acordei. O vento escancarou a janela.
O céu verdejava, tornando-se mais bondoso.
E sobre a cidade inteira tocava
um imenso piano de cauda . . .

Eu entendi — era a Páscoa.

ANTÍSTROFE

Nunca hei de amar uma mulher
que carece de ouvido.

Não rezo ao Espírito só, nem só à Matéria.

Aliás: Não pode ser estabelecido nem com canhões
o socialismo sem música.

Em Vez de Sonetos e Oitavas

RITMO

Quando passam duas moças esbeltas — papoula
rubra nas tranças —
bem longe! jovens planetas!
Flutuam. Ressoam. Átomos de cansaço enviam
ao mundo de trevas! Dançam, levantam poeira . . .
Os sóis se põem ao redor. Emanam feixes de luz
pelo universo inteiro.

Duas moças.

ANTÍSTROFE

Serviu leite às crianças famintas, — ela mesma
sentou-se a pensar . . .

E sobre a jarra, como de olhos cegos, rolaram
lágrimas. Rápida a primeira, a segunda
como a contragosto
atrás . . .

Duas moças.

Em Vez de Sonetos e Oitavas

O VAZIO

Lavo-me. Água — igual a metalofones.
Cortinas — o vento com bandeiras.

No pátio freixos e mulheres.
— Digo-lhe: a cidade está sitiada.
— Ai, meu Jesus! . . .

Fechou-se a janela. Anda a água na jarra —
o leque no teto . . .

— Ontem os trabalhadores na fábrica . . .
(Claramente ouve-se a canhonada.)

Haverá chuva.

ANTÍSTROFE

A cidade em cartazes coloridos:
um homem trespassa o outro.

Lemos listas de fuzilados e nos espantamos
com os “progroms” na província.

Tudo pode ser explicado com alta meta —
menos o vazio da alma.

Em Vez de Sonetos e Oitavas

NA ORQUESTRA CÓSMICA

I

Abençoados
matéria e espaço, número e medida!
Abençoado timbre, cor e fogo,
fogo-tonalidade de universo, vida,
fogo-velocidade, fogo-velocidade!

Espírito que tudo penetraste,
quem és?
Te chamas vento? ou bonança?
a força maquinal que avança?
ouvido de átomos ou jogo de poeira?

Levantas mãos, qual diante dum altar,
diante da terra inteira,
fundo
zunido de hélices profundo:
o caos rodopia numa dança,
trombones metem-no em cavernas abismais.

Miríades de corpos soltos
zumbindo solitários:
velozes — mais e mais!
nadando em órbita, saltemos
em espirais!

Mundos solares aos milhares
vibram, disparam e retumbam,
correm cometas relinchando,
ribombam mares sobre mares . . .

Miríades de corpos soltos
em espirais se agitam
acima, abaixo, para os lados:
Fogos! Fogos belos!

E choram-cantam rios-raios
qual violoncelos.

Espírito que tudo penetraste
quem és?

Na Orquestra Cósmica

OUTONO

Outono tão meigo,
outono
bondoso.

Outono leva comida para mãezinha:
 borcht na caneca,
 mingau no punho,
 fatia de pão na blusa,
 pêras no avental.

Outono tão meigo,
outono
bondoso.

Vem e pergunta: mãe, está dormindo?
A mãe se erguendo:
és tu, minha filha?
— Vim pela floresta,
o carvalho prendeu meu lenço,
quis me pegar,
tirar a caneca de *borcht*!

Outono tão meigo,
outono
bondoso.

— Mãe, mãezinha, por que não come?
Os olhos da mãe
olharam atentos,
o corpo cedeu,
o braço caiu . . .

Outono tão meigo,
outono
bondoso.

— Mãe, mãezinha, por que não come?

Vento da Ucrânia

CONTA A MIM, CONTA A MIM, NEGRO CAMPO . . .

Conta a mim, conta a mim, negro campo:
Por que crescem escassas espigas?
— Ai, preciso de chuva e não de suores,
Pois suor se apega às sujas camisas
Quando voltam ao lar lavradores.

Conta a mim, conta a mim, cinza nuvem:
Para que tu flutuas avante?
— Estou cansada, infeliz, os motivos ignoro,
Eis o vento me incita e diz: — Ai, galante,
Pára um pouco, pois eu te namoro!

Conta a mim, conta a mim, negro campo:
O que agora faremos contigo?
— Minha sina é assim, repetida nas dores:
Ao parir entre joios e loios o trigo,
Eu vos dou algum bem, lavradores.

Poesias Soltas

NÓS SOMOS LEI DO PÓ

Nós somos lei do pó, sagrada,
Do réquiem angústia e dor:
A nossa face é inspirada,
Como da terra ao redor.

Na floração — o fogo vivo,
De incenso névoa na aflição,
Guardamos o imortal motivo
Nos oratórios das mãos.

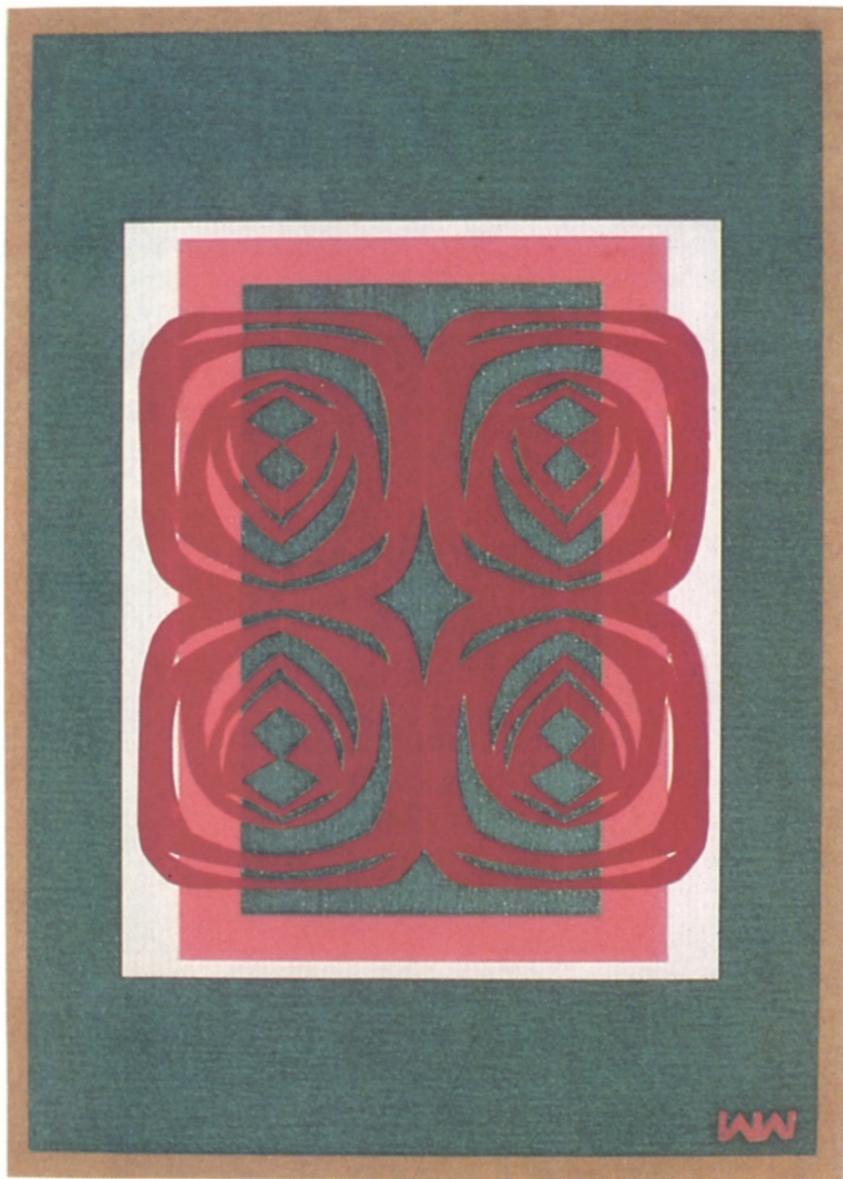
Poesias Soltas

EU NÃO VIVO NÃO ARDENDO . . .

Eu não vivo não ardendo,
Eu não vivo não amando,
Mas tudo isso eu ignoro,
Pois sou sempre
Como fogo.

Aos mortos — meu fogo queima,
Aos vivos — a chama esquentá.
Como morro? Quem conhece?
Minha vida
É perene.

Poesias Soltas



NO LIVRO DE ALMAS

No livro de almas leio. Floro triste
E choro orvalho ao entardecer.
Na terra, a religião do belo existe:
A de sofrer.

Vós, rosas meigas, rosas já colhidas,
Cansadas, nunca mais ressuscitais.
Por corações no coração metidos,
Gritam punhais.

Desbotam primaveras como trajes.
Agita-se da vida vão caudal:
Chorais. Parece afronta, ultraje,
Que homem é animal.

Não comovei-vos tanto, meus amados:
O homem é animal. E vós, então?
Do templo, sois caminhos extraviados
Na escuridão.

Poesias Soltas

* * *

Mandei ao alto a ardente prece:
Pára este sangue, ouve-me, Deus!
Prende loucura, mostra-nos cura,
Olha crianças, chora ao olhar!
Brilhavam lindos astros-colares:
Cruzes, Balança, Espiga nos céus,
E balouçavam mares os mares.
Bebendo néctar, cismava o deus.
Eu enviei-lhe queixosa prece:
Por que tu calas, manda trovões!
Acende os ares sobre os altares,
Fala em procela, mostra que tu és!
Silêncio — olho da mariposa —
Cruel ardia nas nuvens-véus,
Dia era noite mais tenebrosa.
Bebendo néctar, cismava o deus.

Poesias Soltas

* * *

O céu abotoou todos os botões
E cortou uma fatia da lua
Para o passeio.

E embaixo —
Lutavam
Urravam. Rosnavam . . .
Queriam glória, os primeiros —
Quantas fileiras
A névoa esconde!
Outros ser livres buscavam —
Quantos por terra tombaram!
(Aonde?)

A mata negra estremece,
A morte na terra faz messe,
E o dia não amanhece.

Poesias Soltas

VIERAM A MIM VISITAS

Vieram a mim visitas
Da minha própria aldeia.
Queria recebê-los,
Não sei o que dizer.

— Miséria! — se queixam
(Cidade — em bandeiras...)
Penúria só e desgraça —
Quando se acabarão?

Os filhos nos consolam:
Eis liberdade e terra.
Mas pela liberdade
O sangue a correr...

Com lágrimas se calam.
Animo suas dores.
E nas paredes choram
Chewtchenko e Frankó.

Poesias Soltas

NÃO DORMIRÁS BASTANTE

Não dormirás bastante
não comerás bastante —
então escreverás belos poemas.

Moral: se quiseres
tornar-te poeta —
 não durmas na cama,
 não comas à mesa.

Sê esbelto
para que o lúpulo da poesia
em torno de ti
se enrole.

Poesias Soltas

Índice

	Pág.
DIMENSÃO RITMO-LUZ	7
Cítaras, cítaras	11
Os bosques cantam	12
Olhou-me com brilho	13
Chorei amargo meu amor	14
No declive	15
Lá nos campos	16
A moça borda	18
Neblina	19
Vento	20
Pastéis	21
Nas árduas rochas	26
Abri vossa porta	27
Sobre a estepe azul	28
Mãe dolorosa	30
Domingo de Pentecostes	34
Guerra	36
Na névoa o dia madruga	38
Terror	39
Antístrofe	40
Força suprema	42
Antístrofe	43
Ritmo	44

Antístrofe	45
O vazio	46
Antístrofe	47
Na orquestra cósmica	48
Outono	49
Conta a mim, conta a mim, negro campo	50
Nós somos lei do pó	51
Eu não vivo não ardendo	52
No livro de almas	54
Mandeí ao alto a ardente prece	55
O céu abotoou todos os botões	56
Vieram a mim visitas	57
Não dormirás bastante	58

Ilustrações:

Anatol Petrytsky: Pawló Tytchyna

Wira Wowk: Eclipse do sol	17
Wira Wowk: Lua no lago	23
Marko Zubár: Pietá	29
Marko Zubár: Ecce homo	35
Yarosláv Matselúkh: O acordar	41
Wira Wowk: Rosas transparentes	53

Printed in Brazil

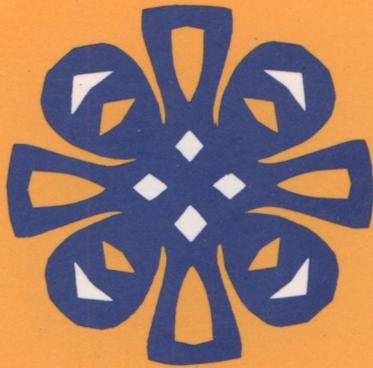
Composto e Impresso na



COMPANHIA
BRASILEIRA DE
ARTES
GRÁFICAS

*Rua Riachuelo, 128 - Centro — Tels. 222-3359 - 232-9823
Rio de Janeiro - RJ — Brasil*

A 1519



49/8